

DIE NIBELUNGEN 1. SIEGFRIED TOD / 1922-24 *(Os Nibelungos 1ª Parte: A Morte de Siegfried)*

um filme de Fritz Lang

Realização: Fritz Lang / **Argumento:** Thea von Harbou / **Fotografia:** Carl Hoffmann, Gunther Tittau / **Sequência do "sonho do falcão":** Walter Ruttmann / **Cenários:** Otto Hunter; colaboração: Erich Kettelhut, Karl Vollbrecht; construção do dragão: Karl Vollbrecht / **Figurinos:** Paul Gerd Guderian (falecido durante as filmagens), Anne Willkomm / **Intérpretes:** Gertrude Arnold (Rainha Ute), Margarethe Schon (Kriemhild), Hanna Ralph (Brunilde), Paul Richter (Siegfried), Theodor Loos (Rei Gunther), Hans Carl Muller (Gerenot), Erwin Biswanger (Giselher), Behard Goetzke (Volker von Alzey), Hans Adalbert Schlettow (Hagen Tronje), Hardy von François (Dankwart), Georg John (Mime, o ferreiro/Alberich dos Nibelungos), Frida Richard, Georg Jurowski (padre), Iris Roberts (pajem).

Produção: Decla-Bioscop AG / **Cópia:** DCP, do Friedrich W. Murnau Stiftung (Wiesbaden), versão restaurada tintada e musicada, com intertítulos em alemão, legendas em inglês e legendada eletronicamente em português, 148 minutos / **Estreia Mundial:** Berlim, em 14 de Fevereiro de 1924 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, em 14 de Dezembro de 1925.

Esta versão restaurada de **Die Nibelungen** dá-nos a verdadeira dimensão de uma das obras primas de Fritz Lang, obra que circulou durante muitos anos numa versão reduzida. Agora surge-nos numa cópia magnífica e em versão integral. E o que faltava não era coisa de pouca monta. Ora façam as contas: a cópia anterior tinha à volta de 180 minutos. A cópia da primeira parte que vamos ver tem, só à sua conta, 148 minutos. Acrescente-se que a segunda, tem 130. No total, 278 minutos, **quase mais de 100 minutos!** a que antes não tínhamos acesso. E isso explicava o carácter fragmentário e confuso (particularmente na segunda parte, a que nos referimos na outra folha) quase passível de alguma resistência que mesmo os incondicionais de Lang (é o meu caso) lhe opunham. Ora bem, agora que tudo surge restaurado vemos que mais do que um filme deslumbrante, **Die Nibelungen** é uma das peças chaves do cinema europeu (mais: de toda a cultura do velho continente).

Nesta "nova" primeira parte passámos a poder ver o "sonho do falcão", sequência de animação concebida por Walter Ruttmann para ilustrar o sonho de Kriemhild antes da chegada de Siegfried. Mas não é só o que vemos de novo: o começo está mais completo e mesmo planos que surgiam por breves segundos têm agora a sua dimensão exacta. E isto dá um peso maior à saga, como dá o contraste da fotografia, perfeito, que nos permite apreciar mesmo o que se passa em segundo plano. E toda a genial arquitectura do filme surge agora iluminada à sua verdadeira luz, e podemos ver agora que é neste, mais do que em qualquer outro dos seus filmes que uma das

características estéticas de Lang se manifesta: a "simetria". Veremos, na comparação, como cada uma das partes se encaixa na outra de modo a formar um todo harmonioso. Mas não só. Esta era já a característica dos seus filmes em duas partes. O que **Die Nibelungen** acrescenta é essa mesma organização dentro de cada uma delas, que Lang levará à perfeição no futuro, em especial na sua fase americana. Para usar das palavras de João Bénard da Costa na sua folha sobre este filme que acompanhou exhibições anteriores, **Siegfried Tod** surge sob o signo do "mundo masculino" em "oposição" ao feminino (que marca **Kriemhilds Rache**). Não só pela forte simbologia fálica com que abre o filme (as gigantescas árvores seculares, o plano de Siegfried temperando o aço da sua espada, a arquitectura de geometria perfeita onde personagens e objectos se dispõem numa ordem rigorosa (símbolo do poder e da organização feudal em que o homem estava à cabeça da hierarquia), mas também pelo próprio desenvolvimento do conflito: é um homem, Siegfried, que está no centro da disputa e do desejo. Todos os actos, quer dos personagens masculinos (Gunther, Hagen), quer dos femininos (Kriemhild, Brunilde) se desenvolvem em torno da sua figura, todos sonham, para o bem e para o mal, com o herói. Desejo físico de Brunilde (o olhar que lhe lança no primeiro encontro, e a posse que se consome na morte: de facto é ela quem acaba por **possuir** Siegfried, e é este "roubo" mais do que o assassinato do seu amado que transforma Kriemhild na fúria vingadora) e de Gunther (nas tão simbólicas sobreposições de Siegfried invisível sobre o corpo de Gunther, e na sua metamorfose no rei quando entra na alcova para "domar" Brunilde), e desejo espiritual das suas virtudes e qualidades de guerreiro por Kriemhild e Hagen. Como Brunilde, ao matar Siegfried Hagen "apossa-se" dele (querem imagem com maior simbolismo homo-erótico do que a sequência da morte do herói?: a idílica lagoa, rodeada de flores, o corpo de Siegfried invulnerável excepto num único ponto bem visível, Hagen desferindo a lança) e da sua força: na segunda parte Hagen é o verdadeiro herói invencível e apenas Kriemhild o poderá matar, exactamente como fora ela que "matara" Siegfried ao querer protegê-lo.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico